

## Associação Nacional de História – ANPUH

### XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

#### **Fragmentos históricos da geografia escolar: raça, riquezas naturais e princípios religiosos no livro ‘Geografia: Curso Elementar’, de Cláudio Thomas, na década de 1940.**

Juliano Rosa Gonçalves<sup>1</sup>  
Manoel Rodrigues Chaves<sup>2</sup>

**Resumo:** A análise do discurso geográfico presente em um livro didático da década de 1940 é o principal objetivo deste trabalho. A pouca quantidade de trabalhos sobre o tema não retrata sua real importância no seio da Ciência Geográfica. Para desenvolver o trabalho, se fez necessário recorrer a uma literatura específica, envolvendo a Teoria da Geografia e a história da disciplina Geografia no Brasil. O discurso geográfico escolar da época assume contornos peculiares. À luz de uma análise conjuntural, esse discurso fornece importantes elementos para reconstituir o quadro da Geografia Escolar Brasileira.

**Palavras-Chave:** História do Pensamento Geográfico – Teoria da Geografia – Geografia Escolar

**Abstract:** The analysis of the geographic discourse present in a didactic book from 1940's is the main objective of this work. The few projects about the theme don't picture the real importance of geographic science. To develop the work, it was necessary to research a specific literature, involving the Geography Theory and the history of Geography in Brazil. The Geographic Scholar discourse from the epoch acquires peculiar outline. By the light of an occasional analysis, this discourse provides important elements to reconstitute the board of Brazilian Scholar Geography.

**Keywords:** History of Geographic thought, Geography method, scholar Geography.

Há uma lacuna considerável quando discutimos a história do pensamento geográfico. Mesmo no interior da historiografia da geografia no Brasil, é comum certa displicência e desinteresse dos pesquisadores na investigação da gênese e constituição da geografia escolar. No entanto, o aparecimento de alguns trabalhos nessa área, nos últimos anos, teve positiva repercussão, clamando para a história do pensamento geográfico a importância que lhe é devida.

Pesquisando a produção didática de geografia para as escolas brasileiras, constatamos que os poucos livros utilizados eram os comercializados pelas grandes editoras,

---

<sup>1</sup> Especialista em Geografia. Assessor de Currículo de Geografia para a Educação Básica da Secretaria da Educação e Cultura do Tocantins (SEDUC-TO) e professor do Instituto Tocantinense de Pós-Graduação (ITOP).

<sup>2</sup> Doutor em Geografia. Professor da Universidade Federal de Goiás.

situadas principalmente no eixo Rio - São Paulo. O ensino secundário, por sua vez, seguia as obras adotadas pelo Colégio Pedro II, tradicional instituição carioca que servia de modelo às demais.

A obra didática que ora analisamos (Geografia: Curso Elementar, de Cláudio Thomas, destinada ao exame de admissão ao antigo Ginásio, hoje 2ª Fase do Ensino Fundamental) é composta de três partes (Preliminares, Nosso País e O Mundo), apresentando um conjunto de 390 perguntas e respostas (também chamados de ‘pontos’, em outros livros didáticos da época). Evidencia-se, portanto, o método pedagógico escolástico na sua elaboração. No frontispício do livro, a única data impressa é a de *imprimatur*. É vistado pelo Monsenhor Meirelles Freire, Vigário Geral de São Paulo, em 1947. Na verdade, a inexistência de data de editoração era uma prática constante nos livros didáticos, para dar a impressão de sempre estar o livro atualizado. Os editores não corriam o risco de o livro encalhar-se nas prateleiras das livrarias.

A obra assume compromisso, ainda, com as propostas curriculares programadas pelo Estado. Em pesquisa realizada (GONÇALVES, 2003), constatou-se que os conteúdos da obra analisada se aproximam muito da programação curricular da época, orientados que eram pelo ensino secundário de Geografia do Colégio Pedro II (cf. ROCHA, 1999).

### **Começando pelo começo: “Preliminares” (Parte I)**

A primeira parte, intitulada *Preliminares*, visa apresentar aos alunos os principais conceitos e noções da Geografia. Englobando quatro capítulos (Noções Gerais, Globo Terrestre, Geografia Física e Geografia Política), o autor demonstra o que, na sua concepção, seriam os principais conceitos da Geografia, todos a serem memorizados pela criança. Memorização e descrição: eis o binômio intrínseco à *Geografia: Curso Elementar*, e à Geografia Escolar Clássica!

Na primeira pergunta, já se tem o tom do restante do livro: “1. *O que é geografia? Geografia é a descrição da superfície da Terra*”. Orientando-se pelos parâmetros da Geografia Nomenclatural, o aluno que estudasse o livro se veria diante de uma infindável lista de definições terminológicas. Assim, poderia saber o que é, entre outras coisas, promontório, cachopo, baixio, arroio, barra, álveo. São conceitos definidos na extensa listagem referente ao Capítulo III, *Geografia Física*.

Ao estudo do homem, cabia a Geografia Política, finalizando a primeira parte do livro. Nesse capítulo, definições de território, nação, povo, país. Brinda o estudante, ainda, com noções de religião. O livro assume uma postura etnocêntrica sem limites, ao manifestar

clara e preconceituosamente sua opinião sobre religiões e povos fora do circuito católico-caucasiano.

A propósito da forte carga religiosa, a história da educação brasileira está, invariavelmente, relacionada à presença dos religiosos jesuítas no Brasil, o que, de certa forma, explica essa ênfase. Pedagogicamente, legaram um ensino confessional verbalista e retórico. A Geografia livresca, literária, nomenclatural, também passa por essa influência. Em especial, à “Geografia Curso Elementar”, os ensinamentos religiosos se expressam numa forma tão categórica, a ponto de ser preconceituosos. As religiões, para Thomas, são divididas em dois grandes grupos: as monoteístas e as politeístas. Mas, de todas essas, qual a única verdadeira? A religião católica, apostólica, romana, propõe o autor.

O determinismo se manifesta também em relação às *raças*. Em perfeita consonância com as idéias científicas do século XIX, Thomas classifica as etnias de acordo com o *potencial civilizatório* a ser desenvolvido. Nessa hierarquização, tipo europeu estava no topo. Veja:

*“Os povos da Terra dividem-se em quatro raças principais:*

- 1. A raça branca, que habita particularmente a Europa, muitas partes da América, a Ásia Ocidental e o Norte da África. Tem pele branca, rosto oval, cabelos finos e macios, inteligência muito desenvolvida. Sua civilização é a mais adiantada.*
- 2. A raça amarela, que habita a Ásia central e oriental, tem pele amarela, rosto achatado, cabelos tesos e pouca barba. Sua civilização, estacionária até pouco, vai-se desenvolvendo.*
- 3. A raça preta, que habita a África, parte da Oceania e alguns pontos da América, tem pele preta, beijos grossos, cabelos encarapinhados. Sua civilização é a mais atrasada.*
- 4. A raça americana, ou vermelha, que habita parte da América, tem pele acobreada e alta estatura; já se identificou em parte com a raça branca que a domina.”*

A influência evolucionista é palpável. Ribeiro (1999) demonstra que o evolucionismo influenciou bastante na constituição do estatuto científico da Geografia Moderna. A luta pela vida e a seleção natural, conceitos importantes da biologia evolucionista para esclarecer o surgimento da vida, são importados pela Geografia para explicar o desenvolvimento variado das civilizações humanas, associando-o à constituição étnica.

### **O paraíso é aqui: “Nosso País” (Parte II)**

A descrição em excesso de noções geográficas continua. Na segunda parte do livro, versando sobre o Brasil, reforça a lista de nomes a decorar: os principais portos, as principais ilhas, as montanhas, as serras, as principais cidades... Enfim, uma infundável lista.

Estruturalmente, a segunda parte foi dividida em cinco capítulos (Área Litoral, Hidrografia do Brasil, Governo do Brasil, Geografia Econômica e o Brasil por Estados e Territórios). Trazem os dois primeiros informações sobre aspectos físicos do Brasil; o terceiro versa sobre a divisão política brasileira; já o quarto capítulo faz um inventário das “riquezas brasileiras”, enquanto que, o quinto, o mais extenso, arrola informações particulares sobre todos os estados brasileiros, na mais absoluta precisão de uma lista decorável e inquestionável.

No capítulo sobre a divisão política brasileira, o mapa do Brasil apresentado corresponde ao período de 1945 a 1946, momento em que o território de Ponta Porã se estabeleceu em áreas ao sul do antigo estado do Mato Grosso (hoje corresponderia ao estado de Mato Grosso do Sul), e o território de Iguazu abrangeu parte oeste dos estados do Paraná e de Santa Catarina. O texto correspondente ao mapa foi, todavia, atualizado, não fazendo menção a antiga divisão territorial. Dá-se impressão que as fronteiras ali estão naturalmente, de forma a - histórica.

O nacionalismo patriótico é imbuído mediante a utilização exagerada de adjetivos para a situação econômica do Brasil. Subdesenvolvido? Pobre? Com graves mazelas sociais? Não! O que temos no Brasil é um “solo ubérrimo”, no qual sua agricultura é coisa de artista – talvez no sentido vocacional. O agricultor é detentor do dom de trabalhar a terra (“*A agricultura é arte de cultivar a terra e fazê-la produzir vegetais úteis*”), que se apresenta como uma “inexaurível fonte de riqueza nacional”. Inesgotáveis também seriam as madeiras “incomparáveis”: jacarandá, araribá, ipê, cedro, pinheiro, peroba...

Atividades industriais também faziam parte das atividades artísticas desenvolvidas pelo homem (“*arte de extrair e transformar os produtos naturais do solo*”). Para não perder o hábito descritivo, Thomas apresenta a relação (extensa) das indústrias extrativas brasileiras e das diversas subdivisões da indústria manufatureira. O que se nota, na análise feita por Thomas, é que há um deliberado escamoteamento da realidade. Em sua construção argumentativa, a exploração do trabalho e a sociedade dividida em classes distintas inexistem. Superabundam as enormes listas decorativas.

Cinco perguntas são dirigidas<sup>3</sup>, em especial, à análise regional dos Estados. Metodologicamente no geral, nada se muda: descrição excessiva, mediada por abundância adjetivação. Em relação aos aspectos geográficos levantados, incorreções técnicas e supervalorização de variáveis físico-naturais ocorrem recorrentemente.

---

<sup>3</sup> 1) Quais são os limites geográficos? 2) Que aspectos apresenta? 3) Que clima apresenta? 4) Quais são as principais cidades? 5) Quais são as principais produções?

Utilizando a descrição e valendo-se de um estilo eminentemente literário (comum à Geografia Clássica), a obra apresenta uma extensa lista de atividades econômicas, formas geomorfológicas e características climáticas. Na construção textual, várias lacunas conceituais se sucedem, vícios comuns aos livros geográficos produzidos no Brasil até meados do século XX. Essas lacunas, nos lembra Veríssimo (1994), é típica de uma Geografia pouco científica e demasiadamente literária. Veja:

*“O Amazonas tem clima quente e úmido durante o ano todo. As chuvas são copiosas no sudoeste e no norte. Vários lugares alagadiços, nas margens dos rios e nas matas, são insalubres; porém os terrenos descobertos são enxutos e saudáveis”*

*“O clima do Pará é quente, muito úmido e de notável uniformidade; chove quase todas as tardes. No litoral, o calor é temperado pela viração marítima. A planície amazônica é bem ventilada e os lugares suficientemente enxutos oferecem um grau satisfatório de salubridade.”*

*“No litoral do Maranhão, o clima é muito úmido, e pouco salubre em vários pontos; no centro, os calores são excessivos; as terras altas gozam de clima uniforme e saudável.”*

*“O clima do Piauí é, em geral, muito quente; torna-se úmido no norte e seco no sertão. - Nas margens alagadiças dos rios, reinam febres intermitentes; entretanto, as terras altas do sudoeste têm clima saudável”.*

*“Distinguem-se no Rio Grande duas zonas: a oriental, bastante regada pelas chuvas durante o ano; a ocidental, de clima quente e seco como no Ceará. Por toda a parte o calor é quase constante, sem tornar-se excessivo.”*

Não há explicação sobre o que é um clima saudável, quais seus componentes e variáveis. A imaginação é constantemente solicitada, mormente a abundância de valores sensoriais e perceptivos. No entanto, esses valores são demasiadamente relativos (calor excessivo, por exemplo). As variações do clima geram, inclusive, curiosas anotações (úmido/insalubre – seco/ardente), como descritas sobre o clima do estado de Alagoas. Em outras partes, há a indicação de que o clima verdadeiramente “salubérrimo” está próximo ao clima europeu. Para o autor, quanto mais frio, mais saudável:

*“O clima alagoano é quente; torna-se úmido e pouco sadio na costa e nas margens do São Francisco. O sertão tem clima seco e ardente; as terras altas são saudáveis”.*

*“Santa Catarina tem clima salubérrimo que atrai muitos colonos cultivadores”.*

Como o livro não apresenta mapas regionais, cumpria ao aluno o exercício de imaginação necessário para apreender as descrições geográficas. Na prática, retumbava em mais uma prática mnemônica. A literariedade geográfica da obra freqüentemente se afluía em exageros léxicos, apresentando vocábulos certamente distantes do cotidiano da maior parte dos alunos brasileiros:

*“O fértil terreno do Rio Grande do Norte produz cana de açúcar, arroz e legumes na parte oriental; algodão, carnaúba, mandioca no sertão. Há muito pau Brasil; os **cardos** criam **cochonilha**; as matas têm belas madeiras e nos campos cria-se bastante gado. A extração de sal é importante em Macau e Mossoró”.*

*“O clima do Rio de Janeiro é quente e úmido nos lugares baixos, onde reinam **febres palustres**; pelo contrario, é temperado e muito saudável nas serras”.*(grifos nossos)

A linguagem rebuscada cria a ilusão de um saber vigoroso e inquestionável. Almeida (2000), escrevendo em 1889, prescreve que é melhor ao ensino de Geografia livro apenas para os mestres. Salientava, ainda, a ausência de bons livros didáticos na época. Em seu contexto, o educador brasileiro já apontava para a necessidade de superação da geografia mnemônica:

*“Que os mestres tenham lido e estudado, não estes tratados resumidos, que trazem nomenclaturas insignificantes, mas verdadeiras obras de Geografia, tais como a de Malte-Brun, Balbi, Reclus, Lavallée, onde tanto aprendam a conhecer (...) as obras do Homem, a amá-las, e a falar delas com sentimento de grandeza e da sua beleza, quanto saibam animar os mapas, estas folhas de papel carregadas de cores e nomes, que os alunos não deixarão de admirar com avidez. Neste mercado da inteligência, no ensino sério, metódico, interessante, instrutivo, não vemos o que fazer com tratados que se copiam uns aos outros, repetindo, uma depois da outra, as mesmas nomenclaturas, às vezes, os mesmos erros”.*(ALMEIDA, 2000:162).

Ao *sentimento de grandeza* necessário para a afirmação do sentimento patriótico incondicional, a Geografia Clássica daria resposta antes mesmo das inovações científicas da Geografia Moderna adentrarem com força na Geografia Escolar brasileira. Eivados de ufanismo, os textos de *Geografia Elementar* equivalem à pátria brasileira a um lugar paradisíaco. A descrição da vida econômica brasileira exclui retumbantemente as variáveis sociais.

*“Convém admiravelmente a este Estado o nome de Minas Gerais, pois nenhum outro se lhe compara no tocante à riqueza mineral. Tem*

*muitas zonas auríferas, serras inteiras de minério de ferro, belos diamantes, esmeraldas, topázios e outras pedras preciosas; manganês cobre, antimônio, e mercúrio. Entre as numerosas fontes minerais ou termais, recomendam-se as de Caxambu, Lambari, São Lourenço, Poços de Caldas, Araxá. Minas produz boas safras de arroz, milho, feijão e mandioca; seu café cresce vigoroso e é de produção constante. Nos campos mineiros criam-se incalculáveis manadas de bois; o gado suíno, exportado para o Rio de Janeiro e São Paulo é uma fonte de riqueza. A indústria desse Estado é sobretudo extrativa e agrícola. Há usinas metalúrgicas, e fábricas importantes de tecidos. O comércio interno incrementa-se cada vez mais, com o desenvolvimento das estradas de ferro e de rodagem. O comércio externo consiste na remessa de ouro, pedras preciosas, ferro, manganês, café, etc.*

*“Pernambuco é, antes de tudo, um Estado agrícola; cultiva muita cana, algodão de ótima qualidade, bastante café, cereais, mandioca e legumes. Produz também muito pau Brasil, piaçaba, carnaúba e excelentes frutas. As riquezas minerais são variadas, mas pouco exploradas. O sertão cria muito gado. A indústria fabril vai se desenvolvendo, notando-se fundições, fábricas de chitas, refinações, destilarias, etc. O comércio interno progride com várias estradas de rodagem e vias férreas; o comércio marítimo é muito ativo com a Europa e outros portos brasileiros”.*

Enfim, a “desinteressada” geografia escolar se mostrava compromissada com o projeto elitista de nação. Ademais, a defesa da existência de uma sociedade harmônica e equilibrada reflete a concordância dessa Geografia com as elites, tanto a agrária como a emergente industrial.

### **Áridas aventuras pelo Planeta: “O Mundo” (Parte III)**

Na parte da Geografia do Mundo, cinco capítulos apresentam os cinco continentes. O primeiro abordado é a América, assim eleito pela maior proximidade ao aluno, talvez. A metodologia descritiva e mnemônica de apresentação do texto continua: mares, golfos, ilhas, rios, lagos, número de países, principais produtos econômicos relacionados em extensas listas.

Um fato curioso foi a apresentação da Europa. O texto aborda os limites territoriais consagrados pelo Tratado de Versailles, que pôs fim a I Guerra Mundial (1918). Destarte, compreende-se que, de fato, as atualizações de conteúdo do livro em questão não eram feitas em edições subsequentes. Afinal, a II Guerra Mundial, finalizada em 1945, tinha remodelado as fronteiras européias.

As relações desiguais impostas pelos europeus ao mundo são ignoradas em boa hora: “*O comércio [europeu] é importantíssimo e faz-se com todos os países do mundo*”. O mundo em perfeita harmonia: eis a conclusão possível a todos os leitores contemporâneos da “Geografia: Curso Elementar”. São totalmente escamoteadas as contradições.

Para Thomas, mesmo com o aparecimento do homem e florescimento da civilização na Ásia Central (aqui segue orientação da Igreja Católica, uma vez que comprovações científicas da época já davam conta do aparecimento do homem na África), foi na Europa que o homem conseguiu atingir “progresso de espírito”. Adiantou-se na via do progresso, ao enfrentar “mil obstáculos”. A conjunção formada pelo determinismo etno-geográfico levava à conclusão que o europeu dominou o mundo pela constituição física, relacionada à posição geográfica europeia (clima temperado). À dose de determinismo, se acresce a doutrinação católica: “*Feliz dele [o homem europeu] se, reconhecendo-se o instrumento da Divina Providência, empregar sua influência em dirigir as nações para aquele a quem pertence toda glória e todo poder*”.

Em relação aos outros continentes, as informações são menos detalhadas. Tem-se o inventário de acidentes físicos e nome das principais cidades, apenas. A curiosidade fica a respeito da África. Apenas o Egito era um país independente. Entretanto, mais países são destacados; as colônias francesas Tunísia, Marrocos e Argélia. *Coincidentemente*, países com grande parte da população branca. Numa gravura representativa dos tipos étnicos, lá está o egípcio (de terno e gravata!), o tunisiano, o argeliano, o marroquino (esses dois com trajes típicos – túnicas) e, por fim, “os negros”. A variedade étnica entre os indivíduos de pele negra é ignorada.

Coube, ainda, uma lição complementar sobre a Palestina, ressaltando a declarada opção religiosa do autor. Reflete, portanto, as influências seculares da Igreja Católica nos conteúdos escolares brasileiros. A Terra Santa é apresentada em suas especialidades geográficas, acompanhada da lista de nomes de acidentes geográficos a serem decorados. Dessas idiosincrasias resultava o que era, na época, a geografia escolar: abordagem naturalista e ufanista, centrada em uma visão de mundo etnocêntrica, europeia e católica.

### **Referências Bibliográficas:**

ALMEIDA, José Ricardo Pires de Almeida. **Instrução pública no Brasil (1500-1889): história e legislação**. Trad. Antonio Chizzoti. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2000.

BRETAS, Genesco Ferreira. **História da Instrução Pública em Goiás**. Goiânia: CEGRAF, 1991.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. A instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira et. al. (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. P. 135-150.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1994.

GONÇALVES, Juliano Rosa. **Mentiras desprovidas de beleza: o discurso geográfico brasileiro na década de 40**. Análise da obra Geografia: Curso Elementar, de Cláudio Thomas. Catalão: UFG, 2003 (Monografia de Especialização em Geografia).

LACOSTE, Yves. **A Geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988.

NEPOMUCENO, Maria de Araújo. **Ilusão pedagógica; 1930-1945**: Estado, sociedade e educação em Goiás. Goiânia: UFG, 1994.

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. **As belas mentiras**. A ideologia subjacente aos textos didáticos. 9. ed. São Paulo: Moraes, 1981.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. A Geografia Escolar Brasileira nos Fins do Século XIX: Revisitando os pareceres de Ruy Barbosa de 1882. In: I ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. Rio Claro: Unesp, 1999.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

THOMAS, Cláudio. **Geografia: Curso Elementar**. São Paulo: Francisco Alves, 1947.

VERÍSSIMO, José. A geografia no Brasil. In: AZEVEDO, Fernando. **As ciências no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1994.